

QUESTÕES DE VIDA – 14

ACREDITAR

“Eu acredito... Eu não acredito... Eu já acreditei... Eu acreditaria se... Eu não acredito, mas gostaria de acreditar... etc... etc... “.

Quem é que não ouviu já tudo isto ou, pelo menos, algum destes desabafos?

Acreditar é ter fé, dar crédito, depositar confiança em alguém ou nalguma coisa: pessoa, associação ou instituição; é reconhecer que existe alguém com quem eu, para além de admitir a sua existência, estabeleço ou tenho vontade de estabelecer uma relação que me é necessária porque contribui para a minha vida e a minha felicidade.

Acreditar nos homens, é a fé humana; Acreditar em Deus, é a fé sobrenatural, dom de Deus. Esta, porque é dom de Deus, não depende de nós e pode ser-nos ou não concedida.

Não é possível acreditar verdadeiramente em alguém sem a virtude, mãe e alicerce de todas as outras virtudes, naturais e sobrenaturais: a humildade. Podemos imaginar todas, todas as virtudes, possíveis e imaginárias, sem a humildade, de nada valem. E porquê? Porque acreditar, de alguma forma, é querer fazer-se livremente dependente, reconhecer-se submisso a alguém de quem dependemos, de tal forma que, sem essa dependência, a nossa vida e a nossa felicidade correriam perigo.

Não posso acreditar nos outros se não acredito em mim e não posso acreditar em Deus se não acredito em mim e nos outros.

Mas “acreditar”, não é uma palavra em que penso, imagino e pronuncio. É muito mais que isso. Quando digo “acredito”, faço um acto de fé naquilo ou naquele em quem acredito e digo acreditar, e em tudo aquilo que esse mesmo acto implica de verdade, de coerência e de autenticidade de vida. Esta não pode contrariar, anular ou desdizer aquele acto de fé.

“Assim como o corpo sem alma está morto, assim também a fé sem obras está morta. (Tiago, 2,26)

“Agora, Senhor, acreditamos... “, desabafam os discípulos, depois de Jesus, na intimidade própria dos últimos e grandes momentos, lhes ter falado da promessa e da vinda do Espírito Santo e da sua Morte que sabia aproximar-se.

“Agora acreditais? Eis que vem a hora – e já chegou – em que sereis dispersos, cada um para seu lado, e Me deixareis só...”. (Jo. 16, 32).

De facto, como sabemos, aconteceu exactamente segundo o que Jesus disse: um negou-O, outro traiu-O e todos O abandonaram, aquando da Sua prisão.

É muito fácil ser e dizer-se humilde na intimidade dos amigos, mas muito difícil ser-se humilhado na adversidade; é muito agradável, e simpático até, dizer que acreditamos quando tudo em nós e no ambiente que nos rodeia nos é favorável, mas muito difícil dizer que acreditamos, quando tudo nos é contrário e desfavorável.

Onde estava a fé dos discípulos, quando chegou o momento de a confessar?

E onde esteve a minha e a tua em semelhantes ou idênticas circunstâncias?

Pe António Belo.